



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 13 de Janeiro de 1971

Reflexões sobre o cristianismo

A nossa palavra, uma palavra muito breve e muito simples, dirige-se agora aos cristãos, ou seja, àqueles que não só não rejeitam esta qualificação, mas até a reivindicam, como característica essencial da sua personalidade e da sua cultura.

Nesta multidão amorfa de cristãos, podemos observar, de um modo geral, duas grandes correntes, que se encaminham por direcções opostas.

A primeira tende a diluir o significado deste nome: torna-o cada vez menos aderente à própria vida pessoal; esvazia-o (desmitiza-o, como hoje se diz) o mais possível do seu conteúdo original, religioso e teológico, conservando-lhe apenas alguns aspectos, que já estão integrados nos costumes civis, e aceitando somente alguns dos seus valores gerais, que parecem úteis para a definição, o desenvolvimento e o proveito do homem como tal: a dignidade, a interioridade, a liberdade, a sociabilidade, a esperança, etc.; por outras palavras, contenta-se com um cristianismo nobre e humano, se quiserdes, mas vago e aberto a qualquer interpretação pessoal e ocasional. Já se disse que todos somos cristãos, mas poderíamos acrescentar que cada um de nós é cristão à sua maneira.

A segunda corrente, pelo contrário, tende a reconhecer que o termo cristão implica uma relação profunda com realidades muito importantes: com uma doutrina, uma forma de vida e uma religião, com a necessidade de pertencer à Igreja, com o mistério da comunhão com Deus, e, por fim, com uma união pessoal, por meio da fé, da esperança e do amor, com Cristo, com o Cristo histórico dos Evangelhos, com o Cristo Salvador, de cuja palavra e cuja graça a Igreja é guarda e

dispensadora, com o Cristo pascal que associa os fiéis autênticos à palingénese da Sua redenção, e com o Cristo celeste, vivo, presente e invisível, que paira sobre os destinos de cada homem e de toda a humanidade e que há-de vir um dia, no dia da conflagração final da história.

O nosso pensamento pode-se resumir deste modo: hoje, como aliás sempre aconteceu, os cristãos caminham sobre um plano inclinado. Orientam-se para um cristianismo em declínio, nominal e desvanecente, ou orientam-se para um cristianismo ascendente, para o Cristo vivo, pessoal e real.

Nós queremos, naturalmente, inserir-nos nesta segunda corrente, que é mais autêntica, embora mais árdua; ou seja, queremos encaminhar-nos para Jesus Cristo, Nosso Senhor, vivo e verdadeiro, Aquele que é necessário e suficiente para dar significado pleno e genuíno à nossa existência, Aquele que, quanto mais este mundo procura esquecer, excluir e tornar inútil, tanto mais se revela indispensável e necessário a este mundo moderno.

E, então, surge em nós, seguidores em espírito, de sinceridade e de coerência, um desejo muito forte: o de nos aproximarmos deste Jesus, de O conhecer e de O ver. Há um episódio no Evangelho, apenas esboçado, mas muito significativo; é da autoria do evangelista São João, quando narra a entrada de Jesus em Jerusalém, em forma voluntariamente pública e popular, circundado pelas aclamações festivas da multidão, que, finalmente, reconhece n'Ele o filho de David, o Messias; trata-se da seguinte passagem: «Entre os que tinham subido para adorar no dia da Festa, havia alguns gregos. Foram ter com Filipe (um dos apóstolos), que era de Betsaida, da Galileia, e fizeram-lhe este pedido: " Senhor, queríamos ver a Jesus " » (*Jo* 12, 20-21). Ver Jesus: este é o desejo constante dos homens de boa-vontade, a quem tiver chegado alguma notícia importante da misteriosa Personagem, à volta da qual se concentram a curiosidade inquietante e o amor profético de tantas pessoas.

Se O pudéssemos ver! Se, pelo menos, fôssemos capazes de ter a Sua imagem, sensível e fiel! Nós, imersos na chamada « civilização da imagem », teríamos a grande pretensão de encher os nossos olhos com o aspecto físico do nosso Mestre, do nosso Salvador. Parece-nos, algumas vezes, que, se tivéssemos esta sorte, pelo menos este incentivo, estaríamos mais dispostos a crer n'Ele, a segui-Lo, como aconteceu com aqueles que foram espectadores da cena histórica e sensível do Evangelho. Mas é precisamente do Evangelho que nos vem uma palavra, que desilude a nossa avidez e nos indica o caminho, único e seguro, da fé: « Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditaram! » (*Jo* 20, 29). Sim, será necessário contentarmo-nos com a possibilidade de nos aproximar de Jesus por meio deste delicado e nem sempre fácil processo cognoscitivo, que se chama fé, que não exclui, mas até reclama, o estudo racional da revelação.

No entanto, a própria psicologia da fé tem necessidade de alguma imagem representativa; a história do cristianismo diz-nos que os fiéis, depois de terem superado a proibição judaica, relativa a qualquer representação de seres vivos, com receio de encorajar a idolatria, que então se

poderia insinuar, tentaram delinear a imagem de Cristo, primeiro à maneira de uma daquelas personagens indistintas de qualquer episódio evangélico (por exemplo, o pastor), depois apresentando-a com um vulto humano (cfr. p.e., as catacumbas de Commodilla), em seguida, com os semblantes hieráticos das figuras bizantinas e, logo depois, com a fantasia da piedade e da arte, que ainda hoje nos oferece as feições de Jesus, correspondentes à imagem que temos d'Ele na nossa mente (cfr. o culto à efígie de Cristo, chamado efígie da Verónica; Dante Alighieri, *Paradiso*, pgs. 103-108).

Talvez a singular imagem do Santo Sudário merecesse um estudo especial. Mas a verdade é que, « sobre o aspecto físico de Jesus, as fontes dignas de fé não dizem absolutamente nada» (G. Ricciotti, *Vida de Jesus Cristo*, 203, ss.). Somos como cegos diante de um amigo. Possa uma boa iconografia religiosa da arte remediar a falta de uma representação sensível d'Ele.

Mas, entretanto, o cérebro trabalha: Jesus era bonito? Era deforme? As perguntas sucedem-se enquanto interpretamos as palavras bíblicas que se referem a Ele e que, enunciando ora um, ora outro dos aspectos próprios do Messias, dizem: « o mais belo dos filhos dos homens » (*Sl* 44, 2) e, depois, no-Lo apresentam como « homem das dores », que « não tinha graça nem beleza para atrair o nosso olhar» (*Js* 53, 2-3). Voltamos ao Evangelho e vemo-Lo transfigurado: « O Seu rosto resplandeceu como o Sol» (*Mt* 17, 2); e, depois, desfigurado: « Saiu, pois, Jesus fora (do Pretório), levando a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos disse: " Eis aqui o homem! " » (*Jo* 19, 5). Mas, então, contentar-nos-emos em examinar as diversas cenas evangélicas, desde o Presépio até ao Calvário, ao monte da Ascensão, pedindo aos Mestres da figura, para saciarem a nossa fome amorosa das Suas feições? Fazemo-lo e está bem: a « Bíblia dos pobres » como dantes diziam, não é, porventura, a das imagens artísticas? Mas é digno de louvores quem nos ajuda, por meio destas próprias imagens, a dar um passo em frente.

Que passo? Um passo para o Cristo real, que é o da fé; o Cristo, que na Sua visibilidade reflecte a Divindade Invisível; recordemos o Prefácio do Natal: « *dum visibiliter Deum cognoscimus, per hunc in invisibilium amorem rapiamur* »; e recordemos a palavra reveladora do próprio Jesus: « Quem Me vê, vê o Pai » (*Jo* 14, 9). Isto é: estamos autorizados a descobrir Deus em Jesus (Cfr. *Jo* 1, 18)! Compreendemos nós o que isto significa? Estamos no limiar da Beleza suprema (cfr. Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos*, 44, em: *PL* 36, 495). O que é a beleza (cfr. S. Th., I-II, 27, 1, 3)? Quantas palavras seriam necessárias para responder a esta pergunta elementar! Que enormes vôos deveríamos fazer para superar os níveis, muitas vezes falazes, da beleza degradada, sensível, meramente estética, para chegar ao da verdade resplandecente, dado que é tanta a Beleza do Ser fulgurante, da forma diáfana da vida plena e perfeita! Digamos apenas que Jesus Cristo é Beleza, Beleza humana e divina, Beleza da realidade, da verdade e da vida, « a Vida era a luz » (*Jo* 1, 4). Não é uma ênfase mítica ou mística que nos leva a dar esta definição d'Ele; é o testemunho que devemos ao Evangelho. É o testemunho que vos devemos, Irmãos e Filhos, que, impelidos pelo instinto do nosso tempo, andais à procura do « tipo », do modelo, do homem perfeito. Cristo é o «tipo», o arquétipo, o protótipo da humanidade (cfr. *Rom* 8, 29).

Recordai-o.

Damo-vos a nossa Bênção Apostólica.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana